

mojo
BOOKS

2
años
2006
2008



Harvest

Neil Young

Recontado por
HAROLDO FERREIRA LIMA

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

HARVEST
HAROLDO FERREIRA LIMA

uma história inspirada por
HARVEST
NEIL YOUNG

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2008
1ª Edição



COPYRIGHT © 2008 BY HAROLDO FERREIRA LIMA
PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

BLOOD ON TRACKS

HAROLDO FERREIRA LIMA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **A.B. DUCCI**



HARVEST
NEIL YOUNG

LANÇAMENTO: **FEVEREIRO DE 1972**
SELO: **REPRISE**

**PLAYLIST ORIGINAL
DO ÁLBUM**

1. Out on the weekend
2. Harvest
3. A Man needs a maid
4. Heart of gold
5. Are you ready for the country?
6. Old man
7. There's a world
8. Alabama
9. The needle and the damage done
10. Words (Between the lines of age)



HARVEST

HAROLDO FERREIRA LIMA

A alça da mala arrastava pelo chão turbulento e empoeirado. As paradas do ônibus e o ar condicionado, complemento perfeito para empestear até a alma com o cheiro tão característico dos cigarros. Não via nada ao seu redor, mesmo com os acordes rasgados culminando, destruindo seu aparelho auditivo, mesmo com toda a pressa moderna da rodoviária, mães e tias, os moleques com bermudas florais e sem camisa, tantos e tantos estudantes esperando o momento de embarcar e enterrar as responsabilidades pelos próximos dias; não afligiam, mesmo as figuras estranhas, nem a desconfiança. Seguia em linha reta, não reagia aos empurrões a ao volume de pessoas que assim como ele, estavam sempre remando e remando, sempre, contra a maré.

Estavam em três, mas os outros dois não existiam. O momento era, definitivamente, dele. Seguia uma linha reta, mas a cidade fazia-o voltar, fazer curvas no tempo, as dimensões tempo provocavam-lhe arrepios. Os sussurros e uivos do tempo faziam-no relembrar de como viera parar naquele lugar e o que provocava seu eterno movimento, em busca de quê? Voltou ao ponto de partida, quem sabe retrocessos? Primeiro a cidade, o tempo, o corre-corre do Centro, as nuvens se fechando; sim, fazia um calor infernal, porém, os santos haviam reservado um clima bem ameno para um feriado santo. Bem, o dia acabava, as nuvens anunciavam tudo que haveria na região. Uma periferia; os

carros, caminhões e indústrias, logo os campos verdejantes, a seqüência de fios acompanhando intimamente, observando atentamente e com reprovação a rodovia, as longas retas, parceiras de curvas assassinas, novamente subúrbios, campos, movimentos, olhares exasperados, as paradas nos sinais e mais cidades, rostos tão parecidos e inebriantemente ocultos. Enfim a cidade e o movimento; ainda alheia aos sentimentos e devidamente recomendada a ser ao mesmo tempo nostálgica e avassaladora, sobrenatural.

Os outros o seguiam com receio, ainda não poderiam explicar o que havia acontecido e sabiam, não deveriam interromper o devaneio. Era cedo para tudo que pretendiam expressar e o que não desejavam era mesmo perder, tudo, todas as sensações exaladas pelas quatro áureas, a cidade, a dos três. Não havia tempo para problematizar o cotidiano e o que se movimentava em cabeças tão joviais e aniquiladas. Tomaram o primeiro ônibus, as luzes e as pichações, o sombrio e o perfeitamente iluminado pelas luzes destruidoras dos outdoors. Toda a novidade dos becos e vielas, as velhas linhas do bonde, o que guiavam? Os sonhos. Que sonhos? Cegos, mas que cegos tão constrangedores! A cidade era linda, é um verbo que sim, deve ser conjugado no passado, pois só olhos bem sensíveis poderiam captar os mecanismos que desmistificam toda a crueza das formas insensíveis que rasgam o ar e penetram na alma, até a mais enlameada, petrificada.

O bairro era nobre, mas pouco importava, as alamedas estavam mortificadas pelas sombras, mesmo assim alamedas reconhecíveis. Cruzaram aqueles caminhos diversas vezes depois, mas sem se lembrar do quanto tinha valido a pena cruzá-los pela primeira vez num outono já tão distante e pouco

reconhecível; sobraram os sonhos parcos, mas não havia mais espaço para os sonhos, a pouca glória que o lugar teria após dominá-los. Agora, poucos adjetivos sobravam para as justificativas, os cruzamentos, as casas antigas, o prédio. Então subiram uma escada, 184 degraus, contaram depois, havia dois elevadores pequenos, máximo de pessoas, lotação completa. A grade ruidosa, o frio no estômago que se estende à alma, as paredes amareladas, os detalhes avermelhados, “uma cor de goiaba bastante característica”, os movimentos bruscos e contínuos, o silêncio enfim, se prolongaria até o apartamento, uma porta pequena, o corredor sombrio, as câmeras, um rosto refletido na câmera, “todo ingenuidade”, nosso reflexo é a ingenuidade. O barulho da fechadura, as paredes e seus calafrios, a porta aberta, a ocupação, o trânsito, cheiro de desinfetantes comprovando que alguma daquelas meninas fizera o serviço. O banheiro, as calças e o cinto pendurados, a bagunça já amontoada, o odor naftalino da meia amarela jogada num dos cantos, já os primeiros fios de cabelos acomodando-se no chão. Grunhidos de satisfação. As conclusões? Enfim as palavras:

– Não era o que eu esperava.

Outras caras assustadas, ainda paralisadas pela primeira impressão. Sustos subseqüentes.

– Não ficarei, estou de partida!

Cruzou as esquinas do apartamento, após os corredores e a lentidão descompassada, as sombras que inebriavam; sentia a alma do prédio, os olhos do prédio, os sentidos do prédio a contemplá-lo como se fosse um ser divino. Olhou para o interior sombrio e familiar do elevador pela última vez, colocou-

se na rua a procura de algo que definitivamente, mesmo ele, tinha certeza que ali não encontraria. Pois estacou na calçada ouvindo, vendo o tempo passar, as luzes editadas da cidade, o movimento dos carros amarelos como a travessia de sua vida, nem uma pergunta ou atitude familiar, o que fazer, se estivesse tão acostumado aos táxis, nossos coletivos e camas enormes. Permaneceu, não viu o tempo passar nem o chuvisco perpassar e abafar seu campo de visão, hipnotizar os pensamentos com; e constranger a lente dos óculos com a devassidão da cegueira repentina, já não podia ouvir. Estancou o meio da rua, as buzinas. A porta se batendo, o carro partindo, rode, um eterno rodar. Atravessaram os cantos, permearam os parques, mais uma vez as fachadas iluminadas. Escapou em uma corrida noturna e luxuriante. Refugiado numa marquise, ainda as alamedas anteriores, os momentos anteriores, tanta falta de consciência com os fluxos de consciência e o trânsito: cada farol e pontos de luz a correr, a movimentar a procura tão intensa, o que na verdade se procurava eram os limites da existência, para que ainda existem limites tênues para cada escolha ou percepção? Não havia motivo para a garganta secar ou arranhar, não havia movimento para a vertigem nem frio para um casaco tão espesso, tamanha febre, constatou um delírio tão ingênuo e doce quanto a tragada no cigarro:

Arrastou. Sob a sombra dos dias a alça da bolsa. O dia de arrastar a bolsa, a bolsa saciada por pedregulhos e o pranto do chapisco a dramatizar toda uma convivência, o cheiro espesso dos cigarros inundando as bordas do quarto tão delimitado por momentos... Todas a páginas de todos os livros amarrotados, os episódios pouco formulados, os períodos mal pontuados

numa exclamação. Foi um final, ele já sabia e não veneraria a conclusão, a imensidão do filme, tão infiel e cheio de sentimentos prematuros. Ligações e ligações, o tempo fechado, o caminhar abafado, o suor a marcar as axilas, o tempo e o tempo, nada mais que a chuva para movimentar o dia, desacelerar as buscas. Foi-se e não, existiria sentado ali, concluiu, sem devaneios, para cantarolar alguma canção não bastariam os momentos, não valeria a pena gritar bem fundo e alto: já não existe compaixão, com os coqueiros, em alamedas alarmadas pelo desespero que temos quando todos. A desolação. Caminhou em direção ao amontoado, não havia escapatória, sentia as esporas tremelicando em seus calcanhares, reluzindo prontas para desativar a noite. Atravessou, o ranger da porteira narrava o crepúsculo, anunciava o apocalipse. Olhou torto, enlaçou a garota em seus braços, desprezou-a, filmou os passos desencontrados dos cowboys, identificou a presa, sacou a arma. O cheiro de pólvora inundou o ambiente. Silêncio terminal. Pulou o balcão, retirou a orelha que havia caído dentro do pote de azeitonas. Mastigou, cuspiu fora de nojo. Só mais uma orelha. Sabia. Era inconsciente habitar as ladeiras e todos os aterros, foi trágico saborear o fluxo inconsciente da memória, uma análise psicanalítica: se houvesse uma máquina que transcrevesse e não generalizasse tudo que pensamos e arduamente despisse, genializasse os períodos pobres e concretizasse nossos neologismos não ficaríamos tão ligados ao existencialismo fúnebre e inebriante que os novos ares trazem e despem. Fingir sofrer movimenta a compaixão, pensava ao desacelerar da onda. Se não bastasse a bolsa de sonhos e a turbulenta correria movida pelo pó dos muros descascados e as zonas escuras do povo. Seria só o Centro. O centro

de todas as nossas atenções, os mínimos detalhes: uma guimba dos cigarros compartilhados, mais uma negação acumulada na ambigüidade urbana dos corações, um acorde sonhado, um período perfeito, o chuvisco na rua. Duas iniciais: tudo se soma. Cartas de amor refogadas em banho maria, imaginou o conto, a letra da música.

E tudo virou uma grande confusão: as quatro pessoas se amontoaram no minúsculo espaço reservado do pedaço de terra, ocuparam um coração pequeno demais, não por falta de amor, mas pela peculiaridade da ganância; uma espécie de interrupção da sanidade, um desprezo pelo pessoal, individual, pelas formas que caracterizam cada personalidade. Entramos dispostos à felicidade, não encontramos o equilíbrio para entender o quanto é dura a convivência com tantos pregos numa caixa tão apertada, cuidadosamente planejada para nos alvejar. Foi a miríade de idéias e emoções que nos levou a isso, um nada completamente abastado de pelos e sangue pulsante, odores juvenis, circuitos e linha telefônicas. Metâmeros. Descia as escadas em lances, levava consigo a imagem de estrelas negras, fixas em um patamar branco e ondulado, sentia a maresia inundar todos os pensamentos que fizeram daqueles locais e momentos mais e mais familiares, mais acéticos a uma vida jamais imaginada e consolidada. As pequenas estrelas negras eram apenas sonhos esparsos e momentos de divagação, das corridas matinais; um disso ou daquilo, de um ou vários momentos que não se intercalam a lembranças quaisquer, estavam limitados por sussurros e constatações de prazer, lembranças levadas ao vento, conseguidas ao léu, estimuladas por endorfinas e autoconfiança. Desceu as escadas assim, ladeiros, leitos, leituras substantivas. Calava ao rugido dos

pneus, transbordava inspiração ao partir, abandonar, imaginar citações e perspectivas para o que havia ocorrido. Conseguiu conceber estrelas negras, fixas na infinitude puramente alterada pela claridade do dia, avançou o sinal, dormiu no silêncio, confundiu-se com o sol. Havia. O disfarce cotidiano de uma pilha de híbridas narrativas digitalizadas e profanadas pelo ritmo afobado da respiração editada. Arrastar-se ao saber da existência de um disfarce bem moldado. A Coca gelada e os vapores ingenuamente industrializados para nos fazer irritar e caminhar entre poças de demagogia, a camisa e o sangue pisado, o lábio ferido, o escuro sabor analgésico do sangue a inundar a boca em desolação, a fibra sebosa e curtida dos nossos dias. Profanada pelos nossos desejos, o algodão das nossas camisas. O ranger de ossos na escada íngreme, ainda o peso de uma bolsa descartável.

Todo seu irrealismo o levou aos pontos mais distantes da memória. Colocou-o a procura: tremelicou, viu-se sentado, esperando, empoeirado, onde estaria o tal fluxo de idéias, as novas idéias, onde estaria senão no seu próprio mundo. Levantou-se seguiu até o bebedouro, cruzou os braços e olhares, paradoxalmente construiu as mesmas pessoas e suas virtualidades narrativas, seus aspectos formais e imaginários, simulacros, as mesmas imagens pré-fabricadas memorizadas em espaços, compartimentos fechados e pouco estudados de sua infinita compaixão, estava encostada ao tamborete, os grupos, o grupo, três sonhos acumulados e sobrepostos em suas memórias, para onde foi a memória, por qual trilha submersa, cabo de fibra óptica havia percorrido todo um mundo ainda não consciente, ainda não submerso, ainda

não imaginário. Sentiu a água aliviar toda uma alergia intensa, delimitar toda sua existência, havia uma rodoviária e limites, coordenadas geográficas ainda ininteligíveis, os submarinos arrepios de um grande frio, o céu, a desolação cerebral derramada. Sentiu o calafrio da voz mecânica da garota das informações todo um percurso, o cotidiano rodoviário de seu coração, tudo naquela rodoviária soava tão e tão cotidiano que não haveria espaçamentos ou justificações para àquela cruzada simplesmente interminável. Pois bem era o fim.

A stylized floral illustration on a dark teal background. The design features a vertical stem with various flowers in white, orange, and teal, and dark green leaves. The flowers have simple, flat shapes and some have circular centers. The overall style is modern and graphic.

mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br